

Verónica Manole. *Português Económico: manual para alunos de PLE: nível C1*. Revisão científica de Ângela Carvalho. Bucareste: Editora Universităţii din Bucureşti, 2019. 300 pp. ISBN 978-606-16-1114-0

Inês Silva de Almeida

ines_silva_de_almeida@hotmail.com

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

O manual didático para PLE *Português Económico*, da autoria de Verónica Manole, e com revisão científica de Ângela Carvalho, destina-se ao nível C1 de ensino de português língua estrangeira. O manual é bastante recente, tendo sido publicado em 2019 pela Editora da Universidade de Bucareste, Roménia, e a sua elaboração contou, também, com o apoio da Cátedra “Fernando Pessoa” da Universidade de Bucareste e do Camões I. P. Como o próprio nome indica, o manual está pensado para um ensino-aprendizagem para um fim específico que visa trabalhar o léxico económico dos alunos, que, pelas mais variadas razões (mais certamente, por razões profissionais), eles quererão desenvolver, ao mesmo tempo que melhoram as suas competências na língua portuguesa.

Dirigido já a um nível bastante avançado do uso da língua, e contendo algumas atividades que parecem requerer um bom domínio da *linguagem da economia*, o manual parece carecer duma explicitação do seu público-alvo, se não tanto pelo geral, mais pela especificidade (e dificuldade) dalguns desses referidos exercícios. Deste modo, fica menos claro qual o seu objetivo principal; poder-se-ia cuidar, talvez, uma melhor definição do público-alvo. É necessário pensar se o manual está mais apto para «aqueles que desejam aprender uma língua para fins académicos: exclusivamente para, no seu país, lerem textos da sua área de especialidade [...] ou para, em outro país, frequentarem uma escola superior; portanto, para ouvirem falar de matérias específicas leccionadas na L2» ou «aqueles que desejam aprender uma língua por razões profissionais» (Leiria 2004: 4), uma distinção que se falha em fazer, considerando-se, eventualmente, que o manual possa estar apto a satisfazer as necessidades de ambos os grupos de alunos. De qualquer modo, é possível afirmar que o manual está bem organizado e é bastante completo, pois aborda temas diversos ligados ao mundo económico ao longo das suas vinte unidades, potenciando um trabalho que não passa só pelo léxico, mas que engloba várias componentes da língua, possibilitando um trabalho integral das competências linguísticas dos alunos. Assim, além de textos ligados à economia que os alunos poderão ler e analisar, há uma análise mais a fundo de novo léxico, dos significados, e do seu uso em contexto, e existe também espaço para a produção linguística, tanto oral como escrita, possibilitando ao aluno a implementação do que acaba de aprender no seu próprio uso da língua, o qual se quer bem adaptado ao contexto ou propósito dos seus textos produzidos.

O manual apresenta vinte unidades temáticas com diversas atividades que as compõem, sempre de acordo com e em seguimento desse tema, seguindo-se

um *Glossário económico* bastante completo que visa auxiliar o trabalho com o vocabulário, e termina fornecendo as *Soluções dos exercícios*, algo bastante útil ao trabalho autónomo dos alunos. Quanto às unidades propriamente ditas, cada uma encontra-se dividida em cinco secções de exercícios, que correspondem às capacidades de domínio linguístico que se quer trabalhar, apresentadas sempre pela mesma ordem: «Compreensão da leitura», «Expressão oral», «Léxico», «Gramática» e «Expressão Escrita», refletindo a estrutura que a autora quis baseada no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR) (p. 7) e nas competências comunicativas previstas para um aluno de língua estrangeira, que englobam competências linguísticas, sociolinguísticas e pragmáticas (Conselho da Europa 2001: 156). O trabalho e os objetivos são realistas, não se propondo trabalhar competências que não fariam sentido: «Por razões de natureza técnica não nos foi possível criar exercícios para o desenvolvimento da compreensão do oral, tarefa que ficará por concretizar em futuros materiais.» (p. 7). Assim, o manual relega esse trabalho da compreensão oral para uma outra etapa, e não oferece, como muitos outros manuais, gravações criadas de propósito para esse manual específico, gravações essas que são, geralmente, não autênticas, pois construídas em papel e gravadas em estúdio por atores. Sem embargo, tal trabalho da compreensão oral pode ser feito de outras formas, com outros materiais. Fica ao encargo do professor a escolha de usar o manual não como material único e salvador da aula de língua, mas como guia e auxiliar, que será complementado depois com trabalho e materiais de elaboração e/ ou recolha própria. Este manual pode ser um guia para elaboração da estrutura da unidade didática, e também de cada uma das aulas, e pode fornecer materiais para as componentes que se propõe trabalhar, mas as restantes componentes podem ser trabalhadas pelo professor de acordo com as suas escolhas. Além disso, o facto de o manual oferecer, dentro de cada tópico de cada unidade, vários exercícios diferentes, dá ao professor outra liberdade na construção das suas aulas, pois não é obrigado a seguir uma estrutura fixa de ordem de componentes da unidade, muito menos terá de realizar toda e cada atividade dentro das mesmas. A título de exemplo, na componente Expressão Oral, o professor tem ao seu dispor quatro ou cinco questões (dependendo da unidade), e pode escolher trabalhar só uma num debate com a turma inteira, ou várias, e distribuí-las por grupos mais pequenos, entre muitas outras possibilidades que ficam à mercê da imaginação e criatividade do professor (e, até, dos alunos). O mesmo se pode dizer das outras componentes que podem ser trabalhadas e aproveitadas da forma que se vir mais justa e mais produtiva para o contexto específico de uma certa aula, da vontade do professor ou de um grupo de alunos.

Um ponto positivo do manual é que este traz à aula materiais autênticos (neste caso, dezenas de artigos noticiosos relacionados com os temas das unidades), o que poderá ser muito mais interessante e motivador para os alunos do que uma série de textos fictícios, invenções mais ou menos bem feitas com o propósito de abordar uma série de temas. O uso de materiais autênticos no ensino «possibilita um desenvolvimento mais eclético da compreensão oral e escrita da língua em

estudo e uma maior facilidade em comunicar efectivamente quando em contacto com autóctones» (Carvalho 1993: 121), o que se revela especialmente importante quando se quer preparar os alunos para um contexto profissional. É necessário, no entanto, ter em atenção que «os documentos autênticos interessantes são, como a realidade que refletem, precedentes. Daí a solução de muitos autores na hora de elaborar manuais procurarem conteúdos mais “estáveis”, embora contribuam para a continuação de estereótipos que pouco ou nada têm a ver com a cultura portuguesa contemporânea» (Benito 2011: 96). Por conseguinte, é importante, para o professor que venha a utilizar este manual, verificar a atualidade e relevância dos textos autênticos selecionados para as aulas e o contexto para o qual remetem e, se necessário, optar por outros materiais ou outros textos.

Em atividades de produção escrita, o manual também incentiva os alunos a pesquisarem informações na internet para fazerem as suas próprias produções, o que envolve um trabalho de receção, leitura, interpretação e posterior trabalho escrito a partir da informação que foi pessoalmente recolhida e analisada. Isto revela também uma preocupação em inserir na aula, e na aprendizagem dos alunos, algumas das possibilidades das novas tecnologias e da informação, quase infinita, a que se pode aceder, hoje em dia, na internet, contrariando a ideia de que o manual didático, por ser um livro, um suporte físico e tradicional, tem de excluir as novas tecnologias e as suas possibilidades para o espaço do ensino-aprendizagem de línguas. Também o QEER reflete uma maior preocupação pela presença óbvia das novas tecnologias no mundo e, portanto, na linguagem, no seu novo *Companion Volume* (Conselho da Europa 2018: 51). Deste modo, mais uma vez, reitera-se a ideia de que o manual poderá realmente ser um bom auxiliar da aula, que poderá guiar o professor e os alunos, e que, ao invés de os restringir a um certo número de exercícios e atividades construídos para um propósito final e único, como muitos manuais o fazem, abre portas a novas possibilidades de busca de materiais, informação, espaços de discussão de ideias e produção linguística (oral e escrita) na sala de aula.

Algumas atividades do manual, como a construção de expressões idiomáticas (a partir da p. 97), ou qualquer dos exercícios de *Gramática*, sugerem que o manual, embora seja muito completo a nível de componentes da língua que trabalha, não é tão completo naquilo que *ensina* ou *explica*, não possuindo nenhum apêndice gramatical, por exemplo (apenas um glossário), e não se debruçando muito sobre o *porquê* ou o *como* de certas atividades, mas mais sobre a parte prática e os resultados em si. Seria útil, também, que o manual incluísse um índice onde enumerasse, por exemplo, tópicos gramaticais abordados, para que o professor ou o aluno os pudessem encontrar para o que querem trabalhar, sem ter de realizar uma busca exaustiva pelo manual inteiro.

Deste modo, o manual *Português Económico* parece um bom aliado para complementar o trabalho da aula, o que não exclui a necessidade de o professor procurar noutros manuais ou materiais didáticos algo mais que complementa esta componente teórica, ou de o próprio professor procurar, ele mesmo, trabalhar e explicar essa componente com os alunos, para depois pô-la em prática com

o recurso ao manual. Poderia ver-se, então, o manual como um *manual prático*, com um maior enfoque em exercícios e na prática de componentes da língua, que complementar a aula, fornecendo um trabalho muito completo dessas componentes, ao mesmo tempo que enriquece a competência dos alunos na linguagem específica ligada ao setor económico, e nunca dispensando o uso de outros recursos didáticos na aula e no trabalho autónomo do aluno, não limitando o seu trabalho, como outros manuais poderiam (procurar) fazer.

Recebido em dezembro de 2019; aceite em maio de 2020.

REFERÊNCIAS

- Benito, A. B. G. e Ogando, I. 2011. Bicas, pacotes e outros embrulhos. Materiais para o ensino de português com fins específicos. In *Da Investigação às Práticas I* (2), 80-108. 2011.
- Carvalho, A. A. C. da C. A. S. de. 1993. Materiais autênticos no ensino das línguas estrangeiras, *Revista Portuguesa de Educação*, 6 (2), 177-124.
- Conselho da Europa. 2001. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições ASA.
- Conselho da Europa. 2018. *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment. Companion Volume with new descriptors*.
- Leiria, I. 2004. O geral e o particular no ensino das línguas para fins específicos. O caso do português europeu língua não-materna. Comunicação apresentada ao Encontro Regional da Associação Portuguesa de Linguística. Setúbal. (Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/39009>>. Acedido em: 10/01/2020.